

## EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO VIVIDO NO TERREIRO: ASPECTOS DA UMBANDA DE PAI JOAQUIM<sup>1</sup>

*Lucas Gonçalves Brito<sup>2</sup>*

**Resumo:** Durante pesquisa de campo etnográfica, pude registrar que os filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim concebem a Umbanda como uma religião-ciência. Asseveram também que grande parte de seu conhecimento não está nos livros, pois é adquirido por meio da experiência cotidiana, com os pés descalços, dentro do terreiro. A partir dessa hipótese, busco esboçar algumas relações entre a epistemologia da umbanda de Pai Joaquim e a experiência vivida. Deste modo, extraio o conhecimento vivido por meio de três narrativas, as quais se inserem no escopo de uma teoria nativa da mediunidade, do desenvolvimento mediúnico e do processo mediúnico. Uma das conclusões é de que a abordagem das umbandas enquanto epistemes pode consistir em uma alternativa teórico-metodológica à reiterada perspectiva sociológica que acompanhou o estudo do tema.

**Palavras-chave:** Umbanda; Experiência Vivida; Mediunidade; Conhecimento Umbandista.

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão atualizada de alguns excertos do que, em minha dissertação de Mestrado, constituía o terceiro capítulo. Agradeço às pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para a produção do texto – dentre elas, Izabela Tamaso e Luis Felipe Kojima Hirano –, bem como aos pareceristas.

<sup>2</sup> Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/UFG e doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS/UFRGS. E-mail: lucasgb25@gmail.com

**Abstract:** During my ethnographic field research, I registered that the “filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim” conceive Umbanda as a “science-religion”. The people assert that large amount of their knowledge is not found in books, but rather acquired through their day-to-day experience inside the temple, with bare feet. From this hypothesis, I try to outline some relations between the epistemology of Pai Joaquim’s umbanda and the lived experience. Therefore, I will extract lived knowledge by means of three narratives, which are inserted within the native theory concerning mediumship, mediumistic development and mediumistic process. One of the conclusions is that the approach of umbandas as epistemes could provide an alternative both theoretical and methodological to the reiterated sociological perspective which has accompanied the study topic.

**Keywords:** Umbanda; Lived Experience; Mediumship; Umbandista Knowledge.

## INTRODUÇÃO

Para os filhos de Oxalá da casa de Pai Joaquim<sup>3</sup>, há um conhecimento que não está nos livros e que é transmitido por meio do cotidiano de trabalho no Centro, através da intuição e pelos contatos mediúnicos; em uma palavra, através da experiência.

O conhecimento corporificado e vivido é um dos aspectos de uma questão mais ampla que surgiu durante a pesquisa de campo desenvolvida junto ao Centro Espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Angola, em Goiânia, Goiás: lá, as pessoas não consideram Umbanda somente religião, mas também uma ciência. Tal religião-ciência, segundo o que me diziam, integra a arte, a filosofia, a magia e a religião e dá-se a esta síntese o nome de Umbanda.

Esta concepção endógena me conduziu a considerar a umbanda de Pai Joaquim como uma episteme, mas também como uma epistemologia. Ora, as pessoas, reflexivas, além de viverem, elaborarem e pensarem – não exatamente nesta ordem – as técnicas e concepções umbandistas, apresentam uma (meta)linguagem cujo conteúdo é o próprio conhecimento.

Tal concepção de Umbanda enquanto conhecimento colide o pressuposto evolucionista de hierarquização entre magia, ciência e religião para colocá-las em um mesmo plano e, deste modo, a umbanda de Pai Joaquim surge como uma *epistemologia híbrida*. Há, na Casa de Pai Joaquim, uma busca pela síntese de linguagens distintas sobre as coisas e seres do mundo e isso vai na contramão da fragmentação ocasionada pelo pensamento moderno, afeito a separar os saberes em áreas homogêneas e monolíticas. Lembro-me que, durante um ano de pesquisa de campo, em certos momentos,

---

<sup>3</sup> A categoria êmica “filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim” é usada no Centro para se referir a todas e todos filiados. Para indicar o lugar em que acontecem os ritos, as pessoas dizem ora “Casa de Pai Joaquim”, ora “Centro” e ambas categorias aparecerão no decorrer deste texto. O termo “umbanda de Pai Joaquim” é usado pelas pessoas para classificarem a modalidade de Umbanda que praticam e, neste artigo, refere-se também à epistemologia nativa.

causava-me surpresa algumas das inúmeras palestras assistidas. No curso de um mesmo ciclo de palestras – chamadas Portal do Céu, requisito para qualquer pessoa que quisesse trabalhar como médium no Centro – havia temas tão diversos como física quântica, magia, magnetismo, esoterismo, história da Umbanda e psicologia.

A abordagem da umbanda de Pai Joaquim enquanto conhecimento fornece um caminho teórico-metodológico alternativo aos eixos analíticos centrados na questão das origens. Diversos estudos enfocaram os aspectos sociais e históricos do que se convencionou chamar “período de formação da Umbanda”, cuja delimitação estaria ligada aos processos de transformação do Brasil na passagem do século XIX para o XX; tais como a Abolição da escravidão, a Proclamação da República, a emergência de uma economia capitalista, a industrialização, o “sentimento nacional” do Estado Novo e o embranquecimento das expressões culturais negras<sup>4</sup>. Parece evidente que muito já foi dito sobre isso e o objetivo aqui não será revisar bibliograficamente tais inúmeras e valiosas linhas.

Tomando a umbanda de Pai Joaquim como epistemologia, este texto consiste em um esboço de antropologia da experiência com o objetivo de extrair da experiência o conhecimento vivido. Partirei da proposição de que, ao contrário de outros conceitos, a categoria “experiência” é algo peculiar ao modo de produção do conhecimento antropológico (Turner, 1985). Se é impossível viver a mesma experiência dos outros, e há quem diga que isso não é ao menos desejável, a solução que se abre é a descrição e exegese das expressões da experiência. Tendo a narrativa sido a expressão escolhida, a relação intersubjetiva que permeia a exegese não configura uma relação de tipo “eu-isso”, mas uma relação “eu-tu” (Turner, 1985).

---

<sup>4</sup> Ver Magnani (1986); Bastide (1989); Negrão (1993); Isaia (1999); Ortiz (1999); Belmont (2007); Nogueira (2009); Giumbelli (2010); Sá Junior (2012) e Costa (2013). Apesar dos distintos contextos de pesquisa, tais autores e autora abordam, ora explícita ou menos diretamente, o que tenho chamado de *paradigma teórico de busca por origens*.

A escolha dessa forma de apresentação do material etnográfico se deve a que etnografia não é aqui considerada simplesmente um método, mas também uma “relação melódica” em que o etnógrafo procura ajustar o diapasão e vibrar em sintonia com as pessoas. Etnografia, nesse sentido, requer “atenção generosa, profundidade relacional e sensibilidade ao contexto” (Ingold, 2014, p. 384, tradução nossa). Estar no mesmo plano, horizontalmente, com os interlocutores, evoca o esforço de exercício da coetaneidade, pois “se a ascendência – o elevar-se em uma posição hierárquica – está excluída, as suas relações devem se dar num mesmo plano: elas serão frontais” (Fabian, 2013, p. 179). A isso chamei *humildade epistemológica* – a posição do pesquisador que busca eliminar os sentidos de hierarquia e de colonialidade do saber que são evocados quando acontece o encontro etnográfico e/ou a relação entre conhecimento acadêmico e conhecimento nativo.

Há, na singeleza das narrativas, algumas características que poderiam ter-me levado a considerá-las *performances* – aspectos como ruptura no fluxo contínuo da vida cotidiana, reflexão sobre o vivido, experiência intensificada, comunicação e transformação de conhecimento, audiência do pesquisador receptivo no processo de comunicação (função fática da linguagem) e relevo do conteúdo da narrativa (função poética da linguagem) (Hartmann, 2011; Langdon, 2007, 2011). Como diria Schechner (2006, p. 38, tradução nossa), “não existe nada inerente a uma ação nela mesma que a transforme numa performance ou que a desqualifique de ser uma performance”. Prefiro, pois, tomar essas narrativas simplesmente como *expressões da experiência vivida*. Pode-se dizer que o objeto aqui é a experiência e o conhecimento aprendido através da experiência; o que me permitiu alcançá-lo foi a narrativa e, esta, por sua vez, propiciou às pessoas refletirem e organizarem a experiência vivida (*Erlebnis*).

As narrativas foram induzidas por algumas perguntas como “O que te levou ao Centro?”; “Como você chegou ao Centro?”; “O que você sente quando está no terreiro e conversa com o preto-velho?” e “O que seu guia espiritual te ensina?”. Com exceção do texto de Tia Maria, as entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e minimamente reorganizadas, no

sentido do recorte de trechos os quais as pessoas não se sentiriam à vontade em ver divulgados. Também houve inserção de algumas alterações sintáticas (organização de frases) e palavras que articulam os trechos, sem prejuízo do conteúdo e significados das falas das pessoas. Em alguns trechos foram mantidas as perguntas que precediam as respostas, explicitando o diálogo entre quem narrava e o pesquisador.

Embora haja nas narrativas certa nuance poética, a preocupação aqui não foi conferir aos textos todos os mecanismos de oralidade das pessoas/narradoras, como Hartmann (2011) fez, até mesmo porque, não obstante a autorização livre e esclarecida, algumas pessoas/narradoras quiseram demonstrar a expectativa de que os elementos eminentemente orais seriam de algum modo formalizados.

Na sequência, encontrar-se-á narrativas de três médiuns da Casa de Pai Joaquim. As experiências e o conhecimento aprendido através delas são vinculados ao quadro da epistemologia nativa. Porém, antes, parece-me necessária a delimitação do que estou tomando por experiência.

## O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA VIVIDA

Para Desjarlais (1997), um dos problemas metodológicos com que os antropólogos se defrontam ao trabalhar com o termo “experiência” é que ele muitas vezes foi usado sem uma definição mais rígida.

Embora a experiência se constitua de elementos da inteligência e elementos afetivos, esses últimos foram convencionalmente preteridos. Lévy-Bruhl (2014) sublinhou que a noção de experiência, contudo, teria sido elaborada desde a antiguidade clássica, o que salienta o racionalismo que comumente marca a sua definição:

O papel essencial da experiência, tal como essa tradição a descreve e analisa, depois de Platão e seus predecessores até Kant e seus sucessores, é o de informar o sujeito senciante e pensante sobre as propriedades dos seres e objetos com os quais ela o põe em relação; de lhe fazer perceber os movimentos, os choques,

os sons, as cores, as formas, os odores, etc.; o de permitir ao espírito humano refletir sobre os dados e sobre suas condições e o de construir uma representação do mundo. A noção geral da experiência que assim se desenvolve é “cognitiva” (Lévy-Bruhl, 2014, p. 5, tradução nossa).

De um ponto de vista diametralmente oposto, Bruner (1986a) e Turner (1985) conceituam a experiência enquanto um processo. Aqui temos uma tentativa contemporânea de coadunar os elementos afetivos e cognitivos da experiência. Retomando Dewey, Turner salienta que a experiência tem uma iniciação e uma consumação (expressão). Soma-se a isso a noção de Dilthey, segundo a qual a experiência é processada através de etapas distinguíveis, as quais envolvem “uma totalidade de repertório vital humano, constituído de pensamento, vontade e sentimento” a que Dilthey chamou de “estrutura de experiência” (Turner, 1986, p. 35, tradução nossa).

Derivado da hermenêutica de Dilthey, o conceito de Bruner e Turner opera uma distinção entre a simples experiência e *uma* experiência – *Erlebnis*. A primeira refere-se ao modo como cada pessoa recebe os dados sensoriais e os interpreta por meio de processos mentais ou “como eventos são recebidos pela consciência” (Bruner, 1986a, p. 4, tradução nossa). A segunda diz respeito à “articulação intersubjetiva da experiência, a qual tem um começo e um fim e que então se transforma em expressão” (Bruner, 1986a, p. 6, tradução nossa).

Tal concepção transcende um dualismo estrito entre sensação e intelecção; entre percepção e cognição. Esse é um elemento teórico fundamental para a reflexão sobre a experiência vivida das pessoas com as quais dialoguei.

Estou interessado especialmente nas *Erlebnisse*, ou seja, as experiências que formam unidades de sentido e que tenham importância específica na vida das pessoas que as narram, a tal ponto de tornarem-se relevantes para serem expressas, consumadas, objetificadas. E é através da expressão a outras pessoas que a mera experiência se transforma em *uma* experiência (Turner, 1986).

Como disse um filho da Casa em uma palestra no dia de desenvolvimento mediúnico: “Como a Umbanda não tem codificação, grande parte de nossas lições vem com a experiência”. A abordagem da experiência no terreiro empreendida aqui diz respeito especialmente ao que sentem as pessoas durante os rituais, contudo, a experiência é um processo mais amplo que envolve pensamento, sentimento, ação, reflexão. O conhecimento que se aprende pela experiência é um aprendizado da *pessoa inteira*. Não é somente aprendizado da cabeça, mas também do coração.

O “desenvolvimento mediúnico” figura não só como um meio de educação da própria mediunidade, mas também como formação no sentido mais lato<sup>5</sup>. Essa educação da mediunidade poderia ser compreendida como um rito iniciático paulatino, cuja duração é relativa a cada médium e que se desenrola durante o tempo necessário à criação de um “vínculo fluídico” entre guia espiritual e a pessoa.

Quando os médiuns estabelecem a “sintonia” com os mentores e guias, aprendem a “receber” ou “captar” um conhecimento transmitido vibratoriamente pelos seres do plano astral aos seres do plano físico. Embora os filhos de Oxalá da casa de Pai Joaquim concordem que os processos mediúnicos são o que há de esotérico no Centro, no sentido de que não podem ser “vistos”, “tocados”, de modo tangível, não definem a umbanda de Pai Joaquim como esotérica. Segundo Sr. Valério, dirigente do Centro, “o que tem de esotérico são as forças espirituais, as energias que se sente no lugar e os momentos nos quais alguém vê os espíritos através da clarividência” (notas de campo, 04/04/2016). Os efeitos desses processos causam profundas impressões na consciência das pessoas, como poderemos verificar adiante através das narrativas.

---

<sup>5</sup> A aprendizagem de técnicas e a “corporificação” de conhecimento ou habilidades, que não se limitam a conceitos apreendidos intelectualmente, poderiam também ser pensadas em termos de “educação da atenção” (Ingold, 2015). Para uma pesquisa que enfoca as habilidades imbricadas na prática da mediunidade, ver Bergo (2011).



Cada uma das narrativas traz a reflexão e interpretação da pessoa ao que viveu e não são aqui tomadas simplesmente enquanto dados a serem analisados. Neste sentido, os comentários que teço entre cada uma das narrativas têm como objetivo ressaltar e explicitar, nos termos da epistemologia nativa, o conhecimento aprendido pelas pessoas através da experiência, uma vez que considero as narrativas seguintes instrumentos metodológicos para registrar o *conhecimento vivido*.

## NARRATIVAS

### TIA LAURINHA<sup>6</sup>

Chovia muito naquela tarde de domingo. As ruas do bairro Crimeia Oeste estavam alagadas. Tia Laurinha procurava suas fotografias, guardadas entre os copos do armário da cozinha de seu antigo imóvel. Isso a auxiliaria a contar sua estória, coisas de cinquenta anos atrás. Afinal, quando chegou na Casa de Pai Joaquim, tinha mais ou menos vinte anos.

– Eu fui no Centro assim: eu fiquei doente, fiquei doente, sabe? E uma amiga minha falou assim... Eu ia na igreja e me sentia todinha dormente. Toda vida eu fui católica. Sentia todinha dormente. Foi uma amiga lá em casa. Não. Eu fui na casa dela, lá na rua 68, cá embaixo. Cê não conhece Goiânia tudo não, né?

– A 68 lá no Centro da cidade? Conheço.

– É. Ela morava lá. Aí cheguei lá, ela falou assim: “Eu tô achando cê tão esquisita”. Porque fiquei meia passada, né? “Você tá?”. “Tô”. E ela falou assim: “Tô frequentando um centro tão bacana, tão bom”. E eu tinha medo, morria de medo, sabe? Minha mãe, quando minha mãe era viva, eu era pequena ainda, tinha um compadre que chamava Francisco. Aí minha mãe ia lá... eu não sabia, mas eu lembro que era passe... dava passe na minha

---

<sup>6</sup> Grande parte dos nomes são pseudônimos. Os nomes das pessoas que já “abandonaram” o corpo físico foram mantidos.

mãe. E, como é que fala? Hoje a gente não pode pegar guia nenhum dentro de casa. Ele já era velho, né? Eu escondia de baixo da cama, mijava minha roupa todinha. Ele falou assim: “Olha, dona Umbelina, a senhora vai ter uma filha que vai ser médium de centro”. E não era eu? Eu morria de medo, tinha um medo dele. E aí fui crescendo, crescendo e fiquei doente. Eu não olhava assim mais, não enxergava as flores mais, era só pra baixo. Já tava criando uns caroços do lado de cá, assim. E uma amiga, Aparecida, falou assim: “Amanhã é segunda-feira, lá no Centro tem trabalho e nós vamo pra lá. Eu vou te levar lá”. Falei: “Não, vou de jeito nenhum!”. “Não, vai! Precisa ficar com medo não, cê vai”. Falei: “Não gosto desses trem não”. Eu tinha medo desse povo. Por causa desses centro que era violento, brabo. Porque tem uns centro que é brabo, né? E ela disse: “Não, esse não tem não. Conheço a mulher lá, ela é que dirige o trabalho”. Aí nós fomos na segunda-feira. Tia Maria tava trabalhando, ela trabalhava num quartinho. Aí Tia Maria veio, deu passe em mim. Tinha pouquinho médium, tinha médium nenhum quase. Deu passe... e nunca mais eu saí do Centro da Tia Maria. Nunca mais. Achei até bom, sabe? Aí depois já fui enxergando o verde, fui olhando pra cima, vendo os verde, sabe? Até que um dia, eu peguei logo meu guia porque eu já tava tão em cima pra ser média, né? Aí eu ia dormir e o guia vinha em mim e me fazia dar passe, sabe? O preto-velho Estrela d’Alva... me fazia dar passe nas pessoas. Minha mãe tinha uma amiga que não saía daqui de casa, ela era doente, né? Vinha da roça assim, em tempo de morrer, vinha pra ir no médico. O preto-velho descia em mim, dava o passe nela, ela ficava boa, não precisava ir no médico. Depois ela voltava pra roça de novo. Aí eu perguntei pra Tia Maria: “Tia Maria, eu tô assim, assim, assim. Desce o guia em mim e faz eu dar passe”. Ela disse: “Não, minha filha, é assim mesmo. Você é mais recente no Centro. Em casa, você não pode pegar essa carga, não. Pode vir carga pesada e você depois não sabe...” Como é que a gente fala?

– Não sabe lidar? Não sabe limpar depois?!

– É. Pois é. Ela falou desse jeito pra mim. Aí depois eu fui acompanhando ela. Onde que ela ia, eu tava junto com ela. A gente trabalhava muito na

pecuária, sabe? Tia Maria levantava 4 horas da madrugada, fazia as empadas pra gente vender lá na exposição agropecuária. Ela fazia as empadas e a gente fazia o jantar. Acho que ela falava “As coroas de Goiás”. Que a gente era muita, que ajudava, né? Agora não tá nem metade de difícil de fazer as coisas.

– A senhora chegou no Centro, como a senhora tava dizendo, com vinte anos, mais ou menos, e aí a senhora tava com sintomas, sintomas de mediunidade mesmo, né?

– Acho que era. Sofri muito pra... sofri muito não! Porque eu nem desenvolvi. Nem fui no terreiro fazer igual aquele povo lá.

– Foi natural, né?

– Foi natural. Aí tem uma parte mais bonita ainda. Quando eu comecei a ser médium, um dia, deitei e vi as guias, as sete guia, direitinho, em cima da minha cama, as guia, coisa mais linda. Não tinha guia esse tempo, depois que eu fui arrumar as guia, né? Por isso que eu tenho aquele tanto de guia no pescoço. Não sei se cê já viu.

– Como que era o momento que a senhora entrou, não sei se a senhora pode falar, se vai lembrar, quando a senhora entrou no Centro, tinha algum ritual pra começar a trabalhar? Ou não teve isso? Uma reza, uma benção especial quando a senhora começou a trabalhar no Centro?

– Tinha a Tia Maria, que era a cabeça do Centro. Ela dava passe, ela me orientava. Falava como que era. Orientava. Eu não pego só preto-velho, não. Eu pego caboclo, pego as crianças, pego Yemanjá. Vem quase todos em mim. É que eu não gosto de demonstrar muito.

\*\*\*

A narrativa de Tia Laurinha demonstra alguns aspectos da história do Centro e todo esforço e sacrifício dos pioneiros. Tia Laurinha, como se vê, chegou no Centro quando ele ainda funcionava no barracão que Tia Maria, a fundadora, tinha nos fundos de casa. Tendo acompanhado toda a peregrinação de lugar em lugar, Tia Laurinha lembrou, saudosamente, o tempo em que foi construído o Centro no terreno doado pelo então prefeito da cidade.

Entre pedras, panelas e sofrimento, o trabalho dos pioneiros era coletivo. Foi através do braço de cada um e através da venda de comida na exposição agropecuária de Goiânia que angariaram os recursos para a construção do Centro. O trabalho como experiência corporificada é também um aspecto do conhecimento vivido, pois está intimamente ligada à noção de pessoa na umbanda de Pai Joaquim: considera-se a/o médium uma pessoa que “precisa trabalhar”. Este trabalho envolve o auxílio em atividades práticas do Centro, mas também é um trabalho interno, calcado no autoconhecimento, que garante à/ao médium cumprir diligentemente sua tarefa.

Tia Laurinha conta que desde pequena teve contato com técnicas de passe e transe, pois um compadre de sua mãe era adepto de práticas espirituais e foi através desse senhor que Tia Laurinha veio a saber, anos antes, que seria “médium de Centro”. Mesmo conhecendo premonitoriamente seu destino, Tia Laurinha continuou amedrontada com as práticas do compadre de sua mãe. Na realidade, foi através da dor que Tia Laurinha chegou ao Centro.

Muitos filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim – em palestras, conversas e nas narrativas de Tia Maria e Vitória – citam o papel do sofrimento físico para a tomada de consciência quanto à responsabilidade de ser médium. Isto porque, na teoria nativa, a mediunidade é uma escolha prévia do espírito reencarnante. Antes de (re)encarnar, a pessoa prepara uma espécie de roteiro que lhe pontua os eventos principais da vida que então se inicia, sendo a mediunidade um aprendizado do serviço desinteressado ao próximo e também um modo de reparar erros cometidos em vidas passadas. Como “quem colhe planta”, cada pensamento, palavra e ação engendra no futuro da pessoa responsabilidades que a mantém presa ao ciclo de reencarnações. O “dom” da/o médium é a faculdade de sentir as vibrações mais sutis que circundam o espaço, de forma que isso lhe possibilite compreender a eternidade da vida e perceber que a matéria, o corpo físico e o que lhe é inerente são apenas um aspecto da existência. A percepção das leis divinas e a abertura a outras realidades corresponde à “evolução espiritual”.

Toda pessoa tem a capacidade de sentir vibrações espirituais, mas médiuns, em decorrência de alguma causa anterior – como, por exemplo,

ter sido uma “sinhá” cruel aos seus escravos em uma vida anterior – estão “destinados” e têm a responsabilidade de servir de veículo dos seres intangíveis para auxiliar outras pessoas a evoluírem e, no mesmo lance, ajudarem a si mesmos, limpando sua “ficha cármica”.

Como a/o médium é sensível às vibrações espirituais, é necessário a educação mediúnica, que propicia o equilíbrio. A/o médium que chega no Centro doente é, na verdade, uma pessoa que precisa aprender a lidar com as forças espirituais que sente de modo demasiado agudo. E é através dessa busca de equilíbrio que muitos médiuns descobrem – ou melhor, “lembram” – a tarefa a que estão “destinados”.

Guimarães (1992) sustentou que, no terreiro estudado por ela, o desenvolvimento mediúnico e a educação do transe configuravam uma espécie de terapia e que a própria Umbanda seria um ritual terapêutico. A autora afirmou que “a mediunidade é a experiência espiritual da Umbanda por excelência” (Guimarães, 1992, p. 75). E se mediunidade é a via de acesso à Espiritualidade, então “o corpo é sempre tido como um ‘aparelho’ para que as forças espirituais possam se expressar” (Guimarães, 1992, p. 76).

Tia Laurinha conta que não havia curso de desenvolvimento mediúnico como acontece hoje na Casa de Pai Joaquim e, neste sentido, para ela o desabrochar de sua faculdade mediúnica “foi natural”. Entretanto, isto não quer dizer que não havia, em seu cotidiano vivido, o cultivo de uma relação educativa entre ela e seu guia espiritual, o preto-velho Estrela d’Alva. Quando Tia Laurinha começou a ter contato com seu guia espiritual, ele transmitia as vibrações dele e fazia com que tinha Laurinha, receptiva a isso, “desse passe” nas pessoas. Tia Laurinha, em sua humildade, logo aprendeu que não se deve “pegar guia” em casa, isto é, não é permitido “incorporar” ou ter essa espécie de intercâmbio mediúnico em lugar inapropriado, fora do Centro, porque a Casa de Pai Joaquim protege os médiuns. Sendo o cosmos permeado de seres intangíveis, há aqueles que buscam atrapalhar o desenvolvimento dos médiuns ou até mesmo se passar pelos genuínos guias espirituais, confundindo e distorcendo o conteúdo das mensagens do plano astral.

Como se pode observar através da narrativa de Tia Laurinha, no ato da narração, há certa relação intrincada entre presente e passado, que não necessariamente se dá de modo linear. A pessoa pode muito bem começar sua narrativa *in media res* (no meio dos acontecimentos) ou até mesmo começar do “fim”.

Apesar de apresentar-se linear e fixa, a narrativa é aberta. A própria estrutura da narrativa a constrange à sistematização por meio de sequências, quando o tempo parece experienciado sequencialmente (Bruner, 1986b). A narrativa, articulando presente (contexto atual) e passado (memória), pode ser considerada o final, a consumação, a expressão de uma estrutura da experiência, *Erlebnis*. Essa estrutura de experiência configura um processo de interpretação e de atribuição de significado ao vivido.

A experiência vivida é um processo que se estrutura através de cinco momentos: 1) o prazer ou a dor, relativos a uma situação, são sentidos mais intensamente do que nos comportamentos repetitivos e rotineiros; 2) imagens de experiências passadas são evocadas com clareza; 3) os sentimentos originalmente atados aos eventos passados são revividos; 4) o significado é gerado pela reflexão sobre as interconexões entre os eventos passados e presentes e 5) a experiência se completa através da expressão, da sua comunicação de modo inteligível aos outros – e assim, torna-se *uma* experiência (Turner, 1982).

O que fiz foi somente traduzir a narrativa de Tia Laurinha – enquanto expressão de sua *Erlebnis* – nos termos mais gerais da epistemologia da umbanda de Pai Joaquim. A premissa do aprendizado pela dor e do aprendizado pelo amor se repetirão na narrativa de Tia Maria e na narrativa de Vitória.

#### TIA MARIA

“Muitas lágrimas, muitas dores, mas venci”. Foi assim que Tia Maria, fundadora do Centro, definiu sua jornada. Respondia, solícita e atenciosa, o que lhe perguntava o pesquisador. Estávamos no galpão, um espaço no

terreno do Centro, usado para festividades. Era dia de festa junina, tradição da Casa desde o início. Os trabalhadores do Centro estavam arrumando alguns detalhes e as pessoas convidadas ainda não haviam chegado. Ali, sentada à mesa, em frente a barraquinha na qual, dentro em breve, ela iria vender tapetes, panos de prato e delicados enfeites para porta, em forma de pomba, como ela disse, representando o Divino. Tia Maria, que era “uma católica apostólica romana de fita no pescoço”, recebeu uma missão inimaginada – fundar um Centro de Umbanda em Goiânia. Não obstante ela fosse sobrinha de Dr. Colombino Bastos, um dos fundadores de uma das primeiras casas de Umbanda da cidade de que se tem notícia, a Tenda Irmãos do Caminho, nunca pensou que teria a responsabilidade de dirigir ela mesma um templo. Nos idos dos anos 60, Tia Maria, adoentada de moléstia renal, não encontrava solução para o problema na medicina alopática. Uma sua prima de Niterói a levou para um tratamento espiritual no Centro Espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Aruanda. Lá, Tia Maria recebeu, das mãos de Pai Joaquim de Aruanda, a sua tarefa. Jaubert Cândido e Silva, dirigente do Centro de Niterói, veio a Goiânia e, junto com Pai Joaquim de Aruanda, passou o cajado para Tia Maria. A primeira incorporação de Pai Joaquim de Angola com sua médium renitente, tornou-se inolvidável. Tia Maria sentiu nojo quando percebeu que, de seu nariz, saía uma secreção estranha. Ela achava que não tinha merecimento, até hoje, disse ela, acha que não tem. Pai Joaquim de Angola falou: “Você não é nada, a partir de agora você é meu cavalinho e vai seguir o que eu mandar”. A partir desse momento começou sua peregrinação. Ela teria que realizar a Sessão das Almas uma vez por semana, mas não tinha um lugar. Em um dia 8 de dezembro, tendo Nossa Senhora da Conceição como advogada, dirigiu-se ao prefeito Iris Resende. Tia Maria não lembra o que falou, mas o prefeito e os quatro vereadores que estavam com ele não contiveram o choro. Iris era afilhado do marido de uma mulher do círculo íntimo de Tia Maria e prometeu doar um terreno. Hoje, com um templo maior e um terreno com espaço

ainda vazio, Tia Maria, sentada à mesa junto com esse jovem que a ouvia atenta e curiosamente, sorriu leve. Na sua maturidade firme e resoluto, ela foi sentar-se por detrás da banquinha, com seu xale roxo. Noite de junho, sem fogueira. O que aquece vem de dentro, vem de longe.

\*\*\*

Como se vê, Tia Maria, fundadora do CEUPJA, também chegou à Umbanda através da dor. Dizem que a doença foi um processo conduzido pela Espiritualidade para levar Tia Maria ao encontro de sua missão.

Primeiramente, deve-se compreender que, na umbanda de Pai Joaquim, o termo Espiritualidade diz respeito aos seres intangíveis que habitam no plano suprasensível. Os guias espirituais das pessoas têm múltiplos meios de orientá-las nas encruzilhadas da vida e auxiliá-las em seus caminhos. Os guias não são escolhidos a torto e a direito; eles muitas vezes têm relações anteriores, “cármicas”, com seus protegidos. Tendo a pessoa-médium escolhido sua tarefa incomum antes mesmo de encarnar-se e seu corpo astral ajustado para afastar-se com mais facilidade do corpo físico, não seria menos lógico que os seres espirituais que a assistem também se irmanem a ela através de laços anteriores. Esses laços, às vezes milenares, entre protetor e protegido, impelem a ambos recobrem situações em que cometeram delitos e faltas contra si mesmos e contra alguma coletividade.

Assim como a/o médium tem responsabilidade em relação ao cumprimento desinteressado e leal de suas atividades, o guia espiritual também tem deveres em relação à/o médium, pois o intercâmbio mediúnico depende de ambos para acontecer e é primeiramente a ambos que ele beneficia. É neste sentido que se pode compreender o recado de Pai Joaquim de Angola para Tia Maria durante a primeira incorporação: “Você não é nada, a partir de agora você é meu cavalinho e vai seguir o que eu mandar”. A/o médium renitente, ainda incompreensivo quanto à sua tarefa, precisa ser domado, como um “cavalo” (termo com o qual os umbandistas se referem aos médiuns).



A peregrinação que os filhos de Oxalá empreenderam, procedendo com a sedimentação da Casa de Pai Joaquim, fundada em 1968, acabou quando Tia Maria recebeu a intuição de ir pedir ao prefeito de Goiânia um terreno. Tia Maria, que nunca deixou completamente o catolicismo – veja-se que o CEUPJA anualmente sempre organiza a Festa de Santos Reis e que Tia Maria, na festa junina, estava vendendo artefatos como a pomba, símbolo do Espírito Santo – pediu auxílio à Nossa Senhora da Conceição e falou algo que, segundo ela, arrancou lágrimas aos políticos.

Essa narrativa foi extraída de uma conversa ocorrida algum tempo antes dos convidados chegarem para a festa junina, no dia dezoito de junho de dois mil e dezesseis. Trabalhávamos todos na organização e pedi a Tia Maria que me contasse um pouco de sua experiência no Centro. É interessante notar que ela narrou suas experiências de modo sequencial e linear. A tarefa foi inscrever essas sequências no bloco de notas, articulando-as em um outro momento. Essa conversa pôde acontecer somente após quase um ano de pesquisa de campo, quando os filhos de Oxalá da casa de Pai Joaquim já estavam confiantemente tranquilos quanto à presença de um pesquisador entre eles.

## VITÓRIA

Solícita e séria, Vitória, com um olhar meditativo, sentou-se na primeira fileira de bancos dentro do templo. Estar ali evocava respeito e sinceridade.

– Eu cheguei no Centro há dez anos atrás. Foi em março. Eu tive um problema alérgico. Eu mudei para Goiânia com dezessete anos e eu morava no “Parque da Poeira” em Brasília. Um lugar que não era asfaltado. Convivi com poeira a minha vida inteira e, quando eu mudei para cá, desenvolvi uma alergia à poeira. Isso era o diagnóstico dos médicos. Eu me coçava a apareciam feridas nas minhas pernas. Somente nas pernas. Coçavam e abriam feridas – era uma coisa absurda. Na fase boa da adolescência, passei por um momento bem complicadinho, uma fase difícil. Minha família sempre foi espírita; meu avô; meu bisavô era palestrante em centro; minha avó já

frequentou e minha mãe é médium e trabalha desde muito nova. E eu sentia coisas, mas eu queria negar – eu não queria. Não era algo que eu queria para mim. Quando eu era criança eu tinha um tio que tinha umas manifestações muito grotescas mesmo, ele se machucava. E aquilo me traumatizou muito e eu falava: “Eu não quero isso pra mim”. Às vezes eu via um vulto. Uma vez eu acordei no quarto à noite com os meus avós. Meu avô eu conheci, o meu avô paterno, minha avó não. Eu acordei com um casal me olhando na ponta da minha cama. Eu olhei aquilo e fiquei assustada. Sumiu. No outro dia, eu falei para meu pai: “Eu vi o meu vô com uma mulher assim, assim, assim no meu quarto”. Meu pai falou: “Minha mãe!”. Eu devia ter uns dezoito anos. Eu nunca vi uma foto da minha avó. Eu não tinha ideia de como ela era. E eu a vi no meu quarto. Tinha coisa que eu não podia negar que acontecia comigo. Eu sabia que tinha mediunidade, mas eu queria fugir disso por conta das experiências que eu tive na infância.

Quando começou a ter esse problema de alergia, minha mãe falou assim: “Minha filha, cê precisa firmar em alguma religião”. Eu ia de vez em quando na igreja católica. Cheguei a fazer primeira comunhão, mas não me sentia muito à vontade. Eu sabia que não era ali, mas eu ia. A alergia nas pernas foi ficando muito difícil. Eu fui ficando meio triste, não saía mais de casa. Eu andava com roupas grandes tentando cobrir o corpo, era aquela coisa. E um dia minha mãe veio com meu pai conhecer o Centro, antes de me trazer. À noite, no mesmo dia que veio aqui, ela sonhou com um dos pretos-velhos pedindo a ela que me trouxesse. Como minha mãe é médium desde muito criança, ela falou assim: “Eu tenho que levar ela lá. Pediram, né?”. É um negócio muito engraçado, que eu cheguei passando muito mal porque eu era uma médium em desequilíbrio. Emocionalmente, eu não estava estável. Energeticamente, eu não estava bem. Eu cheguei aqui sentindo tudo. Tudo. Eu ficava dormente inteira. Mas eu sabia que era aqui, mesmo com todo aquele mal-estar. Eu cheguei e sabia que era aqui. Aquela sensação de “cheguei em casa”. Eu me senti à vontade desde a primeira vez que eu botei o pé aqui. Eu sabia que era meu lugar. Eu sentia mal, muito mal e vim na segunda-feira, conversei com preto-velho e ele me passou para sete sextas-feiras seguidas.

Fiz as sete sextas-feiras. Tinha sexta-feira que meu corpo estava tão dormente que minha mãe tinha que me segurar na cadeira e me trazer para a corrente. Sozinha eu não dava conta. Por isso que eu entendo as pessoas passando mal aqui. Eu vejo mediunidade em desequilíbrio.

Um dia eu estava na corrente. Na época Tia Maria incorporava Pai Joaquim na sexta-feira e ele passava conversando com as pessoas. Ele passou, olhou para mim e falou para o cambono dele: “Essa daí é cavalinho, né?” E eu não entendi o que ele falou: “O quê?”. “Você é um cavalo. Cavalo na Umbanda é o médium. Cê é médium, cê sabia?” Eu falei: “Eu desconfiava, mas é a primeira vez que alguém me afirma”. Ele pediu para eu vir conversar com ele na segunda-feira. Uma das poucas vezes que eu falei com Pai Joaquim. Vim conversar com ele na segunda. Eu fui sentando lá e ele falou assim: “Quantas luas a fia tem?”. “Tenho dezenove”. Ele falou assim: “Já tá madura, é dando que se recebe, vamo trabalhá”. Desse jeito. Já me pôs para trabalhar, de cara. Ele pediu para eu conhecer os trabalhos da Casa, para eu ver os trabalhos de estudo, para eu começar. Falou que eu já estava madura, já estava passando da época de realmente trabalhar. Como Pai Joaquim me orientou, fiz o curso de Umbanda, curso de passe, curso de desenvolvimento mediúnico, o 1 e o 2, tudo que aparecia eu ia fazendo. E fui melhorando, melhorando. O último estágio que eu passei foi na quarta-feira, que estou nessa experiência de sentir ainda. Mas foi desse jeito que eu cheguei aqui. E eu falo que eu cheguei aqui pela dor, mas graças a Deus não foi por ela que eu permaneci. Permaneço aqui por amor. Aqui eu me sinto em casa.

Eu já estou no trabalho de quarta-feira há mais de cinco anos. Eu comecei a sentir mesmo vibração para incorporar com mais segurança – de falar: “Isso não sou eu” – há dois anos. Então, assim, foi um processo. Eu sei que em alguns centros, a gente ouve falar, que tem um período que a pessoa tem que se preparar. A ideia da Casa de Pai Joaquim é que desde o Portal do Céu você já está sendo preparado. Então quando você é encaminhado para um trabalho como um trabalho de terreiro, há orientação da dirigente. Ela chama a gente, tem uma conversa. Nos fala da paciência porque a maioria chega no terreiro achando que o preto-velho já vai chegar dando informação

e dando consulta. Se a gente chegar lá querendo a coisa para ontem... A comunicação mediúnica são dois lados. Eu estou me preparando daqui, mas o espírito que vai se comunicar comigo, ele também está se adequando à minha vibração. Existem dois lados que precisam ser trabalhados e essa coisa nem sempre é rápida. Então, a dirigente nos pede muita paciência e disciplina porque é um trabalho que exige constância. Não tem como você esperar se afinizar vibratoriamente com um ser vindo um dia, uma vez no mês. Isso não acontece.

A energia no terreiro é muito diferente de tudo aqui na Casa. Parece um mar de energias. Quando eu entrei no desenvolvimento, eu só suava muito as mãos. Minhas mãos, quando eu estou trabalhando, ficam muito quentes ou ficam muito frias. É uma coisa interessante que eu nunca consegui identificar em que momentos acontece, pois isso varia bastante. Mas elas esquentam muito ou esfriam muito. E era o que eu sentia. Às vezes um arrepio, alguma coisa. De uns dois anos para cá que eu realmente comecei a sentir presenças e aí foi um processo porque eu sou uma pessoa muito... desconfiada, vamos dizer assim. Não que eu não queria aceitar, mas eu ficava achando que era coisa da minha cabeça. Falava assim: “Isso aqui eu tô inventando, que eu já tô há tempo demais no terreiro e nunca mudou”. Eu achava que era coisa da minha cabeça. Até que um dia a Tia Maria e o Valério vieram assistir o trabalho. A Tia Maria, no final do trabalho, falou pra mim: “Por que que cê segura tanto? Eles estão lá girando ao redor”. Ela ainda brincou: “Estão te rodeando e você não dá abertura”. Eu falei: “Achava que era coisa da minha cabeça”. Depois que ela falou assim, eu comecei a ser um pouco mais flexível, mas continuei com as dúvidas. Na verdade, eu tenho até hoje; dúvida. E um dia a dirigente do trabalho me deu uma orientação que achei muito fantástica. Ela falou assim: “O preto-velho quer andar, anda. Preto-velho quer sentar, senta”. Eu falei assim: “Como é que eu sei se sou eu ou se é ele mesmo?”. Ela respondeu: “Cê vai estar sentada lá no toco. Se você achar que é você, levanta”. Um dia eu tentei e não consegui levantar. Falei: “Ah, não sou eu”. Nesse início de comunicação a nossa presença é grande demais porque a gente é muito consciente. Então, como a minha presença é muito

grande, eu fico com muita dúvida do que é meu e o que não é. E eu, como eu sou muito desconfiada, eu questiono o tempo inteiro. Isso às vezes até atrapalha a comunicação, porque eu começo a questionar tanto que perco a sintonia. Mas eu já estou aprendendo a permitir mais.

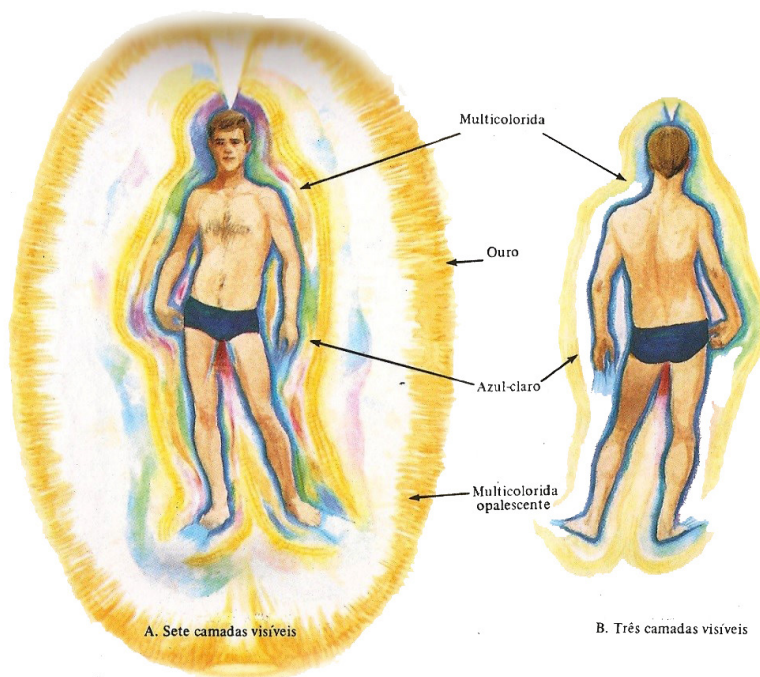
Como eu sou muito cautelosa, eu fico prestando atenção na sensação que me provoca o tempo inteiro. Não sei identificar se é um preto-velho ou uma preta-velha porque é muito novo. Mas eu tenho sentido. Ela costuma ficar pouquíssimo, pouco tempo comigo. Acho que talvez devido à diferença de vibração, não sei. Ela deixa uma energia tão grande que as minhas pernas ficam bambas, as minhas mãos, tudo em mim. Sinto arrepio nas costas. Geralmente, quando é preto-velho você sente uma energia muito forte na altura da cintura ou quando é caboclo, no peito, como se o peito crescesse, varia muito de Linha. É uma emoção que me dá vontade de chorar, mas não de tristeza. Um amor. A gente começa a sentir um pouquinho do que eles sentem. Acho que por isso que essa fase de desenvolvimento mediúnico é tão importante, porque preciso ir, a partir da experiência, pautando o que é meu e o que não é. Mas, fisicamente é isso. Agora, emocionalmente, por exemplo, tem o caboclo. Ele dá uma sensação de força, de coragem. É difícil explicar energia, mas eu sinto isso. Já com preto-velho não, é uma coisa mais amorosa. E eu aproveito porque a gente não fica, eu não fico tanto tempo incorporada. Incorporação é um termo meio equivocado. Mas é difícil tirar algo que é usado há tantos anos. A ideia é que você sente a energia porque, pelos estudos, a gente sabe que o nosso corpo astral vai se expandindo e, nessa expansão, o espírito consegue se aproximar do nosso corpo astral e é por isso que a gente sente tanto fisicamente. Então, os momentos em que eu sinto essas presenças, eu fico conversando mentalmente. Pedindo para eles me ajudarem a compreender o que está acontecendo. Pedindo para eles me intuïrem de que forma eu posso melhorar para que essa aproximação aconteça de forma mais equilibrada, mais harmoniosa. Então, além de prestar atenção no que eu sinto quando eles chegam, como que chegam, para eu começar a identificá-los, depois que eu sinto que chegou eu começo a travar essa conversa mental, para tentar entender. Você sente essa energia e é como

se tivesse alguém pensando dentro da sua mente. É uma coisa interessante. Tanto que às vezes eu queria entender como é a mediunidade de audiência, como é ouvir de fora por quê a sensação que eu tenho, a minha, pessoal, é que estão falando dentro da minha cabeça. Eu não ouço uma voz. É como se brotasse um pensamento na minha cabeça. É difícil de explicar: como se estivesse dentro da minha mente. É essa a questão. Eu sou cautelosa. Dependendo da resposta eu fico: “Será que é minha? Será que não é?” Na quarta-feira, às vezes sento um médium na frente da gente para saudar os pretos-velhos e às vezes dá vontade de falar alguma coisa. E eu seguro muito isso porque eu não sei se sou eu. Então eu fico me policiando mesmo. E às vezes vêm ideias que não tinham passado pela minha cabeça. Falo: “Nunca tinha pensado nisso. Eu acho que esse não é meu, não”. E eu fico fazendo esse jogo mental de tentar filtrar. “Eu acho que isso realmente não foi meu”. Quando é algo que eu já refleti a respeito, que eu já cheguei a algumas conclusões, eu fico me questionando: “Não, isso aqui eu acho que é meu”. Eu perguntei pra dirigente do trabalho: “Que dia que eu vou ter certeza que sou eu?” Ela falou assim: “Nunca”. Nunca. Você sempre vai estar na dúvida. É muito recente essa coisa de manifestar, em mim. Eu comecei a sentir há uns dois anos, mas de um ano para cá é que realmente eu sei que não sou eu. Eu aceitei. Não sou eu. É pouco tempo para ter certeza das coisas. Então, eu prefiro não ter certeza.

\*\*\*

A narrativa de Vitória, além de registrar a dor como motivo de sua chegada ao Centro, traz elementos de uma teoria nativa do desenvolvimento mediúnico, os quais ressalto a seguir.

Figura 1. Os sete corpos da pessoa



Fonte: Brennan (2006, p. 81). Na umbanda de Pai Joaquim, concebe-se que a pessoa tem sete corpos, os quais são camadas de uma mesma energia que vibra em frequências distintas. Como as moléculas de água apresentam-se no estado sólido, líquido e gasoso, os corpos são constituídos de um substrato único modalizado em estados diferentes. No caso dos “espíritos”, eles não possuem o corpo físico nem o etérico.

Faz-se necessário reiterar que a/o médium é uma pessoa preparada, antes do início de sua encarnação, para ter sensibilidade mais aguçada e perceber as vibrações espirituais de modo “ostensivo”. Isto significa que, se toda pessoa encarnada capta as ondas intangíveis através de suas glândulas pituitária e pineal (a hipófise e a epífise), a médium ou o médium é considerado um ser humano mais suscetível, mais receptivo a tais ondas. E esta suscetibilidade está presente desde a infância, como pontua Vitória. Isto parece acarretar

sérias implicações para a pessoa. Se a pessoa-médium é sensível às energias de variados matizes, frequências e tonalidades vibratórias e “funciona” como uma “antena”, sempre pronta a captar vibrações, então ela tem, em seu cotidiano, um cuidado muito sutil em relação a si.

Quando a/o médium chega ao Centro adoentado ou triste – “em desequilíbrio”, como diz Vitória – talvez haja, circulando em seus corpos espirituais, energias com as quais ele não consegue lidar. Sua hipersensibilidade faz com que ele passe o tempo todo recebendo essas vibrações, ainda sem meios conceituais ou técnicos que possibilitem continuar sereno ao senti-las. Essa hipersensibilidade pode também gerar manifestações descontroladas, como no caso do tio de Vitória.

As vibrações que as glândulas pineal ou pituitária captam podem tanto ser elevadas como densas, isto é, tanto vibrações agradáveis – aquelas correspondentes a sentimentos de paz, amor, harmonia, respeito, altruísmo – como vibrações desagradáveis – aquelas correspondentes ao ódio, à raiva, ao desequilíbrio, ao egoísmo. A frequência com que essas vibrações se movimentam são rápidas ou vagarosas e, assim, caracterizam-se como “positivas” ou “negativas”. É daí que decorre a “responsabilidade” mediúnica, pois, uma vez entendida a tarefa escolhida antes de encarnar e iniciado o processo de desenvolvimento mediúnico, dificilmente ele ou ela deixa de perceber as vibrações espirituais que antes sentia inadvertidamente.

Na umbanda de Pai Joaquim, a educação ou desenvolvimento mediúnico é um processo de transmissão de conhecimento e técnicas que tornam a/o médium mais atenta/o e permitem compreender e até mesmo controlar, relativamente, suas inevitáveis percepções “sutis”. O termo sutil parece mais adequado que “extra-sensorial” pois, embora intangíveis, as vibrações causam efeitos tangíveis e concretos no corpo físico dos médiuns. Exemplificam esses efeitos concretos mãos exageradamente quentes ou frias, pernas bambas e arrepios nas costas. Segundo os filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim, o corpo astral da pessoa “capta” as ondulações vibratórias do pensamento e do movimento do guia espiritual, os quais ressoam no corpo físico.



A educação da mediunidade começa desde o momento em que a pessoa participa das palestras do Portal do Céu. Após um ciclo de Portal do Céu, de um ano, a pessoa, sentindo a vontade, é encaminhada ao desenvolvimento mediúnico da quinta-feira. Ali, também durante um ano, a cada dia do curso, ela aprende conceitos na parte teórica e, na segunda metade, aprende praticamente. Todos são convidados a sentar-se à mesa e, enquanto se canta os pontos e chamam-se seres das diversas Linhas da Umbanda para manifestarem-se, os médiuns-aprendizes aprendem a identificar as vibrações dos guias espirituais que os acompanham. O guia espiritual, por sua vez, também se prepara e busca criar uma sintonia com seu médium; ambos se adequam às vibrações dos corpos um do outro. Apenas após dedicar-se a esse curso é que são definidas as pessoas para cada tipo de trabalho, de acordo com as tendências mediúnicas de cada uma.

Como se vê, ao contrário do que poderia parecer, a pessoa-médium não chega na Casa de Pai Joaquim e simplesmente começa a “incorporar”, “psicografar”, “magnetizar”. É preciso paciência, pois as técnicas para uso das faculdades mediúnicas levam tempo para serem apreendidas. A pessoa traz consigo uma ou várias delas, como uma pedra bruta ainda não desbastada. Não cabe aqui discorrer sobre todas, então enfoco aquela que diz respeito à técnica de “incorporação”, citada por Vitória.

Antes de mais nada, o termo “incorporação” é, segundo Vitória, equivocado. O guia espiritual – uma pessoa, um sujeito consciente, com sua vontade, inteligência, movimento individualizados, embora não tenha o corpo físico e o corpo etérico – não entra, e nem poderia entrar, no corpo físico da médium ou do médium. Há, simplesmente, uma transmissão de vibrações. Uma médium, por exemplo, sintonizada ao guia, percebe a sua presença e capta, através da pineal e da pituitária, o pensamento do guia. Por outro lado, o corpo astral da médium se dilata e o guia espiritual – preto-velho, criança, caboclo ou qualquer outro ser intangível que estabeleça alguma sintonia com a médium, entrando na mesma faixa de frequência vibratória – aproxima seu corpo astral do corpo astral da médium, possibilitando a comunicação. Influenciando o corpo astral da médium, o

guia então transfere as vibrações de seu movimento ao chacra coronário da médium, localizado no corpo etérico. O chacra coronário está ligado à glândula pineal, que retransmite as informações para o cérebro, o qual, por sua vez, “traduz” o gesto do ser intangível, que ressoa em todo corpo físico da médium. Essa técnica é chamada, no espiritismo, de psicofonia.

Somente após cinco anos de desenvolvimento mediúnico no terreiro, durante as quartas-feiras, é que Vitória se sentiu mais segura em relação às energias que sentia, compreendendo há dois anos que os movimentos, pensamentos e vibrações que percebia não eram realmente seus, mas pertenciam a outras pessoas, desencarnadas, as quais são caracterizadas por inúmeros epítetos: espíritos, guias, almas, protetores, mentores, a depender da categoria de ser intangível a que se refere. Vitória ainda não está liberada para realizar atendimentos na Sessão da Caridade junto aos guias que a acompanham.

A faculdade mediúnica de Vitória a permite ouvir mentalmente seus guias espirituais. Ela não ouve uma voz externa, falando ao seu ouvido, mas sim capta as vibrações sutis emitidas pelo pensamento dos mentores e protetores, através da glândula pineal, que traduz essas vibrações e retransmite ao seu cérebro a mensagem emitida pelo ser espiritual. Nesse processo, o aparelho fonador de Vitória é impelido a emitir sons, mas Vitória ainda não transmite muito as mensagens orais, pois ela é bastante cautelosa e teme influenciar demais o conteúdo. Isso por quê ela tem embates consigo, questionando a si mesma se o pensamento que se reflete no espelho de sua mente é realmente dela ou não. Ela precisa conscientemente filtrar e diz que, na realidade, nunca terá plena certeza da medida exata em que ela “borra” a mensagem. Vitória ainda “trava” um pouco e obstrui o livre curso da informação através de seu corpo físico, especialmente a sua concretização na fala. Neste sentido, ela testa a sua própria faculdade mediúnica, quando, sentada no toco no momento da “incorporação”, tenta levantar e não consegue. Através desta técnica, ela tem então a certeza de que está curvada e sentada no toquinho sob a influência da vontade de uma outra pessoa, o guia espiritual.

Nesta espécie de mediunidade, a/o médium tem relativo controle de si e pode influenciar a comunicação. O peso da personalidade da/o médium

nessa forma de comunicação “consciente” assemelha-se a uma pessoa que, traduzindo um texto de alta erudição filosófica, não tem palavras para traduzir certa frase de uma língua a outra, de um suporte a outro, e acaba por usar vocabulário um pouco menos profundo do que os símbolos metafísicos do filósofo. É apenas com o tempo e através do treino que a/o médium, de fato e de direito, obstrui menos sua tradução da mensagem, permitindo-a ser veiculada através de si com o mínimo de interferências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Erlebnis* (experiência vivida) consiste, como vimos, em uma unidade de sentido. Considerei as narrativas como expressão de experiências significativas e como movimento aberto, contextual e interpretativo, que evoca o círculo hermenêutico – compreende-se, explica-se, expressa-se, compreende-se, *ad infinitum*.

Alguém pode, no presente, interpretar sua própria experiência e, olhando para o passado, atribuir significado a ela, tornando-a *uma* experiência. Expressando-a, consumando-a, a pessoa fecha o círculo, que pode ser novamente aberto quando os outros experienciam essa expressão e a interpretam. Aqui, temos um ouroboros; o símbolo da serpente circular que morde a própria cauda, remetendo a imagens de ciclicidade. Os textos apresentados, autorreflexivos, configuram a exegese das pessoas sobre o que viveram. Eles são a consumação, a expressão e o fechamento de um ciclo de experiência vivida e, em certo sentido, bastam-se a si mesmos. Evitando uma separação rígida entre teoria antropológica e etnografia, busquei respeitar as reflexões das pessoas sobre sua experiência vivida. Limitei-me, portanto, a ressaltar, entre cada narrativa, o conhecimento vivido.

Como já dito, não estive interessado apenas na experiência vivida enquanto sensações e percepções analiticamente consideradas anteriores ou opostas à reflexão e à cognição. Interessou-me mais captar *uma* experiência – ou, se se quiser, a estrutura de experiência – enquanto processo de

atribuição de significado ao vivido, como unidade de sentido que envolve percepção, reflexão, ação e expressão. *Uma* experiência é uma *Erlebnis*. Como ensina Turner (1985, p. 211, tradução nossa), “uma *Erlebnis* é distinguível de outra naquilo que tem de específica em relação à vida de um indivíduo ou um grupo como um todo – cada experiência é uma parte de um todo”.

Ora, qual é o todo do qual *uma* experiência (*Erlebnis*) faz parte? Uma *Erlebnis* vincula-se a um contexto cultural que provê muito do conteúdo e da forma com a qual a pessoa compreende a si mesma e dá sentido e significado ao que ela vive individualmente. Os termos com os quais a pessoa expressa sua experiência são compartilhados e culturalmente localizados, mas isto não equivale a dizer que o significado está fora da experiência. É através da experiência, entendida como processo, que surge o conhecimento vivido. As narrativas, portanto, demonstram os vínculos existentes entre o conhecimento vivido das pessoas e a epistemologia da umbanda de Pai Joaquim, a qual foi considerada um conjunto de premissas cosmo-ontológicas inter-relacionadas através das quais as pessoas refletem sobre suas próprias concepções e técnicas.

Parece-me que o conceito de Umbanda enquanto conhecimento possibilita uma alternativa teórico-metodológica a pesquisas de viés mais sociológico, reiterado em muitos textos sobre o tema. A abordagem da experiência vivida através da qual as pessoas aprendem “um conhecimento que não está nos livros” trazem questões teóricas e etnográficas para pesquisas subsequentes sobre as múltiplas umbandas, no âmbito dos estudos afro-brasileiros, mas também para estudos que lidem com narrativas, experiência e noção de pessoa em perspectiva antropológica.

## REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1989.

BELMONT, Rafael Neves Flôres. *Opção mágica: conversão de kardecistas à umbanda na cidade de Goiânia*. 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

BERGO, Renata Silva. *Quando o santo chama: o terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática*. 2011. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

BRENNAN, Barbara Ann. *Mãos de luz: um guia para a cura através do campo de energia humana*. São Paulo: Editora Pensamento, 2006.

BRUNER, Edward. Experience and its expressions. In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward. *The Anthropology of Experience*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 1986a. p. 3-30.

\_\_\_\_\_. Ethnography as narrative. In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward. *The Anthropology of Experience*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 1986b. p. 139-155.

COSTA, Hulda Silva Cedro da. *Umbanda, uma religião sincrética e brasileira*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

DESJARLAIS, Robert. Rethinking experience. In: \_\_\_\_\_. *Shelter blues: sanity and selfhood among the homeless*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997. p. 10-17.

FABIAN, Johannes. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIUMBELLI, Emerson. Presença na recusa: a África dos pioneiros umbandistas. *Esboços*, Florianópolis, v. 17, n. 23, p. 107-117, 2010.

GUIMARÃES, Maria Beatriz Lisboa. *A “lua branca” de Seu Tupinambá e de Mestre Irineu*: estudo de caso de um terreiro de umbanda. 1992. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

HARTMANN, Luciana. *Gesto, palavra e memória*: performances narrativas de contadores de causos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

INGOLD, Tim. That’s enough about ethnography! *Haw: Journal of Ethnographic Theory*, London, v. 4, n. 1, p. 383-395, 2014.

\_\_\_\_\_. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015.

ISAIA, Artur Cesar. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 7, n. 11, p. 97-120, 1999.

LANGDON, Esther Jean. Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, n. 94, 2007.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: HARTMANN, Luciana. *Gesto, palavra e memória*: performances narrativas de contadores de causos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 17-21.

LÉVY-BRUHL, Lucien. Introduction. In: \_\_\_\_\_. *L’expérience mystique et les symboles chez les primitifs*. Paris: Dunod, 2014. p. 3-24.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Umbanda*. São Paulo: Ática, 1986.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social*, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 113-122, 1993.

NOGUEIRA, Léo Carrer. *Umbanda em Goiânia: das origens ao movimento federativo (1948-2003)*. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SÁ JUNIOR, Mario Teixeira. A Invenção do Brasil no Mito Fundador da Umbanda. *Revista História em Reflexão*, Dourados, v. 6, n. 11, p. 1-14, 2012.

SCHECHNER, Richard. What is performance? In: \_\_\_\_\_. *Performance studies: an introduction*. New York; London: Routledge, 2006. p. 28-51.

TURNER, Victor. Introduction. In: \_\_\_\_\_. *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. New York: PAJ Publications, 1982. p. 7-19.

\_\_\_\_\_. Experience and Performance: Towards a New Processual Anthropology. In: \_\_\_\_\_. *On the Edge of the Bush: Anthropology as Experience*. Tucson: The University of Arizona Press, 1985. p. 205-226.

\_\_\_\_\_. Dewey, Dilthey, and Drama: An Essay in the Anthropology of Experience. In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward (Ed.). *The Anthropology of Experience*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 1986. p. 33-44.

Recebido em: 17/04/17

Aprovado em: 25/05/17

